

32^a 16 OUT /
14 NOV
2020

TEMPO RADA

MÚSICA
EM
**SÃO
ROQUE**

Orquestra Barroca Casa da Música

Stabat Mater de Bocherinni

Bach e Boccherini – o barroco alemão
e o classicismo italiano

CULTURA

SANTA
CASA
Misericórdia de Lisboa

Apoio:

 RTP PALCO

 ANTENA 2

_13 nov_SEX / 21h00
_Igreja de São Roque

Laurence Cummings

Cravo e Direção Musical

Sara Braga Simões_Soprano

Mónica Monteiro_Soprano

Fernando Guimarães_Tenor

Huw Daniel_Violino I

Ariana Dantas_Violino I

Ana Luísa Carvalho_Violino I

Reyes Gallardo_Violino II

César Nogueira_Violino II

Cecília Falcão_Violino II

Isabel Juárez_Viola

Diana Antunes_Viola

Filipe Quaresma_Violoncelo

Vanessa Pires_Violoncelo

José Fidalgo_Contrabaixo

Pedro Castro_Oboé

Andreia Carvalho_Oboé

José Carvalho_Oboé

José Rodrigues Gomes_Fagote

Fernando Miguel Jalôto_Órgão/Cravo

PROGRAMA

Johann Sebastian Bach

Suite para orquestra n.º 4 em Ré maior, BWV 1069 (c.1717-30; c.20min)

1. *Ouverture*
2. *Bourrée I e II*
3. *Gavotte*
4. *Menuett I e II*
5. *Réjouissance*

Luigi Boccherini

Stabat Mater, para 2 sopranos, tenor e cordas, op. 61 G. 532 (1800; c.45min)

- *Introduzione (Allegro assai)*
- 1. *“Stabat Mater” (Adagio flebile)*
- 2. *“Cujus animam” (Allegro)*
- 3. *“Quae moerebat” (Allegretto con moto)*
- 4. *“Qui est homo” (Adagio assai)*
- 5. *“Pro peccatis” (Allegretto)*
- 6. *“Eja Mater” (Larghetto non tanto)*
- 7. *“Tui Nati vulnerati” (Allegro assai)*
- 8. *“Virgo virginum” (Andantino)*
- 9. *“Fac ut portem” (Andantino)*
- 10. *“Fac me plagis” (Allegro comodo assai)*
- 11. *“Quando corpus” (Andante lento)*

32^a
TEMPORADA

16 OUT /
14 NOV
2020

MÚSICA
EM
SÃO
ROQUE

NOTAS DE PROGRAMA

Johann Sebastian Bach

Eisenach, 21 de Março de 1685
Leipzig, 28 de Julho de 1750

Suite para orquestra n.º 4 em Ré maior, BWV 1069

Nas Suites para orquestra, Bach dá o seu contributo para o género da Overture francesa, especialmente desenvolvido desde Jean-Baptiste Lully, na corte de Luís XIV. Para essa influência francesa foi importante a sua estada em Lüneburg e o contacto com a corte de Celle na sua juventude (célebre palácio na Baixa Saxónia, conhecido como a Pequena Versailles), onde predominava a música francesa, conforme o gosto da época e do próprio duque George William. Mas Bach rapidamente se colocou para além desta influência, desenvolvendo uma forma de Suite para orquestra rica em elementos e nuances pessoais.

A fonte da Suite n.º 4 em Ré maior (BWV 1069) perdeu-se, mas as partes que possuímos são datadas à volta do ano 1730. Apesar da convicção generalizada que atribui a composição das suites à actividade do compositor em Leipzig, alguns autores defendem que a versão original desta suite é do período de actividade musical de Bach em Cöthen, não integrando ainda a parte instrumental para trompetes e tímpanos, que mais tarde foi acrescentada quando Bach adaptou a Overture da suite ao Coro que dá início à Cantata da Natal *Unser Mund sei voll Lachens* (“Que a nossa boca se encha de riso”), BWV 110, em 1725. A actividade musical de Bach na corte de Cöthen, entre 1717 e 1723, foi importante para o seu amadurecimento, no que se refere à música instrumental. A corte do jovem Príncipe Leopoldo tinha aderido à linha Calvinista da confissão Protestante, que proibia os instrumentos na liturgia e condicionava muito a própria música vocal, possibilitando uma maior dedicação do compositor à música para a corte. No entanto, os mais recentes estudos colocam apenas uma pequena parte da sua obra instrumental neste período, atribuindo a maioria da sua produção ao período de Leipzig. Neste concerto teremos a oportunidade de ouvir a versão original desta suite.

Um dos aspectos relevantes que a Suite n.º 4 manifesta é a importância e a extensão que o 1.º andamento assume no conjunto da obra, apresentando-se como algo mais do que uma simples introdução (188 compassos, ficando 186 para os restantes andamentos). Exibe uma estrutura tripartida, onde se destaca a rápida fuga central com a sua típica mudança de andamento

(9/8), que lhe confere uma grande vivacidade, em contraste com a imponência da secção anterior, que é retomada no final.

O 2.º e o 3.º andamento, *Bourrée* (dança da região de *Borée*, no Sul de França) e *Gavotte* (dança da região de *Dauphiné*, no Sudeste de França, cujos habitantes eram designados como *Gavot*), são danças de ritmo binário que vivem de um criativo jogo de combinação tímbrica entre os naipes instrumentais. A *Bourrée* surge com um tempo mais movimentado e jocoso em contraste com a moderação da *Gavotte*, tal como são descritas por Johann Gottfried Walther e Johann Joachim Quantz nos seus tratados musicais dos meados do séc. XVIII. Nos dois andamentos, a elegância sonora, a articulação e o recorte frásico constituem elementos essenciais que permitem a melhor percepção da sua estrutura musical: uma textura de duplo coro entre cordas e madeiras, com uma subtil distinção da figuração em anacruse que integram. O *Menuett* é uma dança de “passo curto” (do francês *menu pas*), em ritmo ternário, onde pontificam as madeiras e cordas no *Menuett I*, para depois soarem apenas as cordas no contido *Menuett II*, produzindo um agradável contraste. A suite termina com um exuberante 5.º andamento — *Réjouissance* — onde efectivamente se exprime o júbilo musical, plasmado numa matriz ternária onde se destacam os jogos tímbricos e a rica figuração rítmica, que parece antecipar o 4.º andamento dos *Reais Fogos-de-Artifício* de Händel (1749).

Paulo Antunes

Luigi Boccherini

Luca, 19 de Fevereiro de 1743
Madrid, 28 de Maio de 1805

Stabat Mater, para 2 sopranos, tenor e cordas, op. 61 G. 532

Luigi Boccherini foi um músico-viajante, com uma carreira de solista do violoncelo que o levou de Lucca, sua terra natal, às cidades mais importantes da Europa. Passou por Viena, Londres e várias cortes italianas mas foi em Paris que ganhou o reconhecimento pelos seus talentos como *virtuose* e compositor de música instrumental. Em Paris, juntamente com o seu amigo e violinista Filippo Manfredi, foi convidado pelo embaixador espanhol, em 1768, a integrar como instrumentista a companhia de ópera italiana do Palácio de Aranjuez, a ‘Compagnia dell’opera Italiana dei Sitios Reales’. Foi justamente como compositor de obras de câmara para pequenas formações que adquiriu reputação também na corte espanhola — como com os Tríos op. 6 dedicados a Carlos, Príncipe das Astúrias, em 1769, que abriram portas a uma maior actividade como compositor também de obras para orquestra, alguma música sacra e para integrar produções de ópera. A mais bem conseguida no campo dramático é a sua *zarzuela La Clementina* de 1786, em que demonstra um excelente domínio da escrita para a voz e do tempo teatral.

A reputação internacional de Boccherini como compositor deu-se graças ao sucesso e aos contactos feitos em Paris com os melhores editores de música, e mais tardiamente também em Viena com a casa editorial Artaria. Assim como Haydn desde Esterházy, Boccherini teve a sua obra disseminada e conhecida em toda a Europa, ainda que escrevendo desde uma corte tida como periférica. Teve patronos como o príncipe Guilherme da Prússia, depois coroado rei Frederico Guilherme II, a quem enviava obras em troca de um salário anual. O seu nome tornava-se uma referência para a escrita da música instrumental de câmara, sendo os tríos e quartetos para cordas, assim como os concertos para violoncelo, as suas obras mais destacadas.

Boccherini também compôs sinfonias, não tão conhecidas e originais como a sua obra camerística, mas que ainda assim reflectem um compositor com grande inventividade melódica, como pode ser observado nos quatro andamentos da Sinfonia em Ré maior, G. 500. A produção vocal de Boccherini, apesar de reduzida, é também de considerável importância, incluindo

Orquestra Barroca Casa da Música

Stabat Mater de Bocherinni

duas óperas, duas oratórias, três cantatas e mais de uma dúzia de árias de concerto. Do que é remanescente, a sua *zarzuela La Clementina* de 1786 e seu *Stabat Mater*, nas duas versões de 1781 e 1800, figuram entre as mais significativas no contexto de alguma outra produção sacra e árias de concertos isoladas.

O texto do *Stabat Mater* é uma poesia medieval que, desde a tradição pietista iniciada por Alessandro Scarlatti e sedimentada pela célebre obra de G. B. Pergolesi na primeira metade do séc. XVIII, se tornou um paradigma de texto de carácter não-litúrgico a ser posto em música pelos compositores posteriores. No mesmo espírito de grande influência da teatralidade musical napolitana, muitos compositores escreveram as suas próprias versões deste poema, frequentemente com citações explícitas da obra pergolesiana.

Este programa inclui a segunda versão do *Stabat Mater* de Boccherini para cordas, soprano, tenor e baixo, de 1800. Modernamente, esta versão é menos conhecida e executada do que a primeira, de 1781, para soprano solo e cordas. Nesta segunda versão, Boccherini manteve a estrutura original e as tonalidades dos andamentos, mas faz mais do que apenas acrescentar vozes ao contraponto. Redistribui as ideias musicais e cria novas soluções instrumentais e harmónicas. O uso da tonalidade de Fá menor, uma das mais instáveis e escuras utilizadas nas afinações não temperadas, é a mesma utilizada tanto por Scarlatti quanto por Pergolesi. O tema inicial cantado pelo soprano é emocionalmente inspirado e cativa de imediato o ouvinte, que se vê diante da mais impressionante releitura galante para esse texto.

A obra desenvolve-se numa estrutura de cantata a três, com o uso bastante dramático do recitativo acompanhado, recurso inovador em relação aos modelos napolitanos anteriores. Se vale a pena apontar, a diferença fundamental entre este *Stabat Mater* de Boccherini e o modelo de Pergolesi reside no conceito dramático distinto para o final da obra. Em oposição ao modelo pergolesiano de um dramático e veloz *Ámen* em *fugato*, o compositor de Madrid opta por uma outra interpretação do texto final “Quando corpus morietur, fac ut animae donetur paradisiae gloriae” (“Quando o meu corpo morrer, faz com que seja concedida à minha alma a glória do paraíso”). A solução de Boccherini é leve, de elevação, como sugere o texto.

Ricardo Bernardes



TEXTOS POÉTICOS E TRADUÇÕES

Luigi Boccherini: *Stabat Mater*

1. *Stabat Mater* (*Adagio flebile*)

SOPRANOS I E II E TENOR

*Stabat Mater dolorosa
juxta crucem lacrimosa,
dum pendebat filius.*

Estava a Mãe dolorosa
chorando junto da cruz
da qual o seu Filho pendia.

2. *Cujus animam* (*Allegro*)

SOPRANOS I E II

*Cujus animam gementem,
contristatam et dolentem
pertransivit gladius.*

A sua alma a gemer,
contristada e angustiada,
era trespassada por uma espada.

*O quam tristis et afflicta
fuit illa benedicta
Mater unigeniti!*

Oh! tão triste e aflita
estava a Mãe bendita
do Filho unigénito!

3. *Quae moerebat* (*Allegretto con moto*)

SOPRANO II

*Quae maerebat et dolebat,
et tremebat, cum videbat,
nati poenas incliti.*

Gemendo e suspirando,
chora vendo
o tormento do seu Filho.

4. *Qui est homo* (*Adagio assai*)

SOPRANO I E TENOR

*Quis est homo, qui non fleret,
Christi Matrem si videret
in tanto supplicio?*

Quem conteria as lágrimas
vendo a Mãe de Cristo
sofrendo tamanho suplício?

*Quis non posset contristari,
piam matrem contemplari
dolentem cum Filio?*

Quem poderia não se entristecer
ao contemplar a mãe de Cristo
dolorida junto do seu Filho?

5. *Pro peccatis* (*Allegretto*)

TENOR

*Pro peccatis suae gentis
vidit Jesum in tormentis
et flagellis subditum.*

Pelos pecados de seu povo
viu Jesus no tormento,
flagelado por seus súbditos.

*Vidit suum dulcem Natum
moriendo desolatum,
dum emisit spiritum.*

Viu o seu doce Filho
morrendo, desolado
ao entregar a sua alma.

6. *Eja Mater* (*Larghetto non tanto*)

SOPRANOS I E II

*Eja, Mater, fons amoris,
me sentire vim doloris
fac, ut tecum lugeam.*

Oh, Mãe, fonte de amor,
faz-me sentir todas as tuas dores
para que eu chore contigo.

*Fac ut ardeat cor meum
in amando Christum Deum
ut sibi complaceam.*

Faz com que meu coração arda
no amor por Cristo, meu Deus,
para que eu possa consolá-lo.

*Sancta Mater, istud agas,
Crucifixi fige plagas,
cordi meo valide.*

Mãe Santíssima, grava
as chagas do Crucificado
no fundo do meu coração.

7. *Tui Nati vulnerati* (*Allegro assai*)

SOPRANOS I E II E TENOR

*Tui Nati vulnerati,
tam dignati pro me pati,
poenas mecum divide.*

Por mim o teu Filho ferido
quis sofrer os seus tormentos,
partilha comigo as penas.

*Fac me vere tecum flere,
Crucifixo condolere,
donec ego vixero.*

Faz-me chorar verdadeiramente contigo,
compadecer-me da sua cruz
enquanto dure a minha existência.

*Juxta crucem tecum stare,
te libenter sociare
in planctu desidero.*

Quero estar junto da cruz,
Unir-me a ti livremente
chorando junto a ti.

8. *Virgo virginum* (*Andantino*)

SOPRANO I

*Virgo virginum praeclara,
mihi jam non sis amara,
fac me tecum plangere.*

Virgem ilustre entre as virgens,
não sejas rigorosa comigo,
deixa-me chorar junto a ti.

9. *Fac ut portem* (*Andantino*)

SOPRANO II

*Fac, ut portem Christi mortem,
passionis fac consortem
et plagas recolare.*

Faz-me partilhar a morte de Cristo,
participar nas suas dores
e venerar as suas chagas.

10. *Fac me plagis* (*Allegro comodo assai*)

SOPRANOS I E II E TENOR

*Fac me plagis vulnerari,
cruce hac inebriari,
ob amore Filii.*

Faz-me venerar as suas feridas,
inebriar-me da cruz
e do amor do teu Filho.

*Inflammatum et accensus
per te, Virgo, sim defensus
in die judicii.*

Do consumo pelas chamas
seja eu defendido por ti, Virgem,
no dia do juízo.

*Fac me cruce custodiri,
morte Christi praemuniri
confoveri gratia.*

Faz com que seja protegido pela cruz,
fortalecido pela morte de Cristo
e confortado pela sua graça.

11. *Quando corpus* (*Andante lento*)

SOPRANOS I E II E TENOR

*Quando corpus morietur,
fac, ut animae donetur
Paradisi gloria.*

Quando o meu corpo morrer,
faz com que seja concedida à minha alma
a glória do paraíso.

Amen.

Ámen.

32^a 16 OUT /
14 NOV
2020
TEMPORADA

MÚSICA
EM
SÃO
ROQUE

Orquestra Barroca Casa da Música

Stabat Mater de Bocherinni



Dados Biográficos Orquestra Barroca Casa da Música

A Orquestra Barroca Casa da Música formou-se em 2006 com a finalidade de interpretar a música barroca numa perspectiva historicamente informada. Para além do trabalho regular com o seu maestro titular, Laurence Cummings, a orquestra apresentou-se sob a direcção de Rinaldo Alessandrini, Alfredo Bernardini, Amandine Beyer, Fabio Biondi, Harry Christophers, Antonio Florio, Paul Hillier, Paul McCreech, Riccardo Minasi, Andrew Parrott, Rachel Podger, Christophe Rousset, Dmitri Sinkovsky, Andreas Staier e Masaaki Suzuki, na companhia de solistas como Andreas Staier, Roberta Invernizzi, Franco Fagioli, Peter Kooij, Dmitri Sinkovsky, Alina Ibragimova, Rachel Podger, Marie Lys, Iestyn Davies, Rowan Pierce e os agrupamentos The Sixteen, Coro Casa da Música e Coro Infantil Casa da Música.

Os concertos da Orquestra Barroca têm recebido a unânime aclamação da crítica nacional e internacional. Fez a estreia portuguesa da ópera *Ottone* de Händel e, em 2012, a estreia moderna da obra *L'ippolito* de Francisco António de Almeida. Apresentou-se em digressão em Espanha (Festival de Música Antiga de Úbeda y Baeza e em Ourense), Inglaterra (Festival Handel de Londres), França (Ópera de Dijon e Festivais Barrocos de Sablé e de Ambronay), Alemanha (BASF em Ludwigshafen am Rhein), Áustria (Konzerthaus de Viena) e China (Conservatório de Música da China em Pequim), além de concertos em várias cidades portuguesas — incluindo os festivais Braga Barroca e Noites de Queluz. Ao lado do Coro Casa da Música, interpretou Cantatas de Natal e a *Missa em Si menor* de Bach, excertos do *Messias* de Händel e as *Vésperas de Santo Inácio* de Domenico Zipoli. Em 2015 estreou-se no Palau de la Musica em Barcelona, conquistando elogios entusiasmados da crítica. Ainda no mesmo ano, mereceu destaque a integral dos *Concertos Brandeburgueses* sob a direcção de Laurence Cummings. Tem tocado regularmente com o cravista de renome internacional Andreas Staier, com quem gravou o disco *À Portuguesa* (Harmonia Mundi, 2018), que incluiu dois concertos de Carlos Seixas e foi apresentado em actuações no Porto e em digressão — Ópera de Dijon, BASF em Ludwigshafen am Rhein, Konzerthaus de Viena e Noites de Queluz em Sintra. Em 2019, interpretou o *Stabat Mater* de Pergolesi e fez concertos dedicados à *Arte da Fuga* de Bach e às *Vésperas* de Monteverdi.

Na abertura da temporada de 2020, a Orquestra Barroca apresentou obras sacras de Charpentier sob a direcção de um dos maiores especialistas no Barroco francês, Hervé Niquet, e mais tarde voltou a colaborar com os maestros-solistas Rachel Podger e Dmitry Sinkovsky. Interpretou obras de Bach e Telemann e celebra o Natal com um regresso à música de Charpentier. A Orquestra Barroca Casa da Música editou em CD gravações ao vivo de obras de Avison, D. Scarlatti, Carlos Seixas, Avondano, Vivaldi, Bach, Muffat, Händel e Haydn, sob a direcção de alguns dos mais prestigiados maestros da actualidade internacional.

Laurence Cummings Cravo e Direção Musical

Laurence Cummings é um dos músicos mais versáteis na corrente da interpretação histórica em Inglaterra, como cravista e como maestro.

Atualmente é director artístico do Festival Internacional Händel em Göttingen, director do Handel Festival de Londres e maestro titular da Orquestra Barroca Casa da Música.

É considerado uma autoridade na música de Händel e “um dos melhores defensores do compositor em todo o mundo. Sóbrio no pódio, fiel acima de tudo à partitura, combina a energia e invenção de Händel com lirismo, generosidade e dignidade inconfundíveis” (Guardian).

Aclamado frequentemente pelas suas interpretações sofisticadas e empolgantes nos teatros de ópera, tem-se apresentado um pouco por toda a Europa, dirigindo produções para a Ópera de Zurique (*Belshazzar, King Arthur*), o Theater an der Wien (*Saul*), a Ópera de Gotemburgo (*Orfeu e Eurídice* de Gluck, *Giulio Cesare, Alcina e Idomeneo*), o Théâtre du Châtelet (*Saul*) e a Ópera de Lyon (*Messias*). No Reino Unido é convidado regular da English National Opera (*Radamisto, L'Incoronazione di Poppea, Semele, Messias, Orfeu e Indian Queen*), do Glyndebourne Festival (*Saul, Giulio Cesare e Fairy Queen*) e do Garsington Opera (*L'Incoronazione di Dario, L'Olympiade e La Verita in Cimento* de Vivaldi). Apresentou-se ainda no Linbury Theatre Covent Garden (*Berenice e Alceste*), na Opera North (*L'Incoronazione di Poppea*), no Buxton International Festival (*Tamerlano e Lucio Silla* de Mozart) e na Opera Glassworks no Wilton's Music Hall (*The Rake's Progress*).

É também um maestro experiente nas salas de concerto, sendo frequentemente convidado para dirigir orquestras de instrumentos de época e modernos, entre as quais a Academy of Ancient Music, a Orchestra of the Age of Enlightenment, o English Concert, a Handel and Haydn Society em Boston, a Orquestra Barroca da Croácia, La Scintilla (Zurique), a Juilliard 415, o Musikcollegium Winterthur, a St Paul Chamber Orchestra, as Orquestras de Câmara de Zurique, Basileia, Moscovo e Escócia, e as Sinfónicas de Washington, Kansas, Jerusalém e da Rádio de Frankfurt. No Reino Unido dirigiu a Orquestra Hallé, a Royal Northern Sinfonia, a Sinfónica de Bournemouth, a Filarmónica Real de Liverpool, a Orquestra do Ulster e a Real Nacional Escocesa.

A sua discografia inclui gravações com Emma Kirkby e a Royal Academy of Music (BIS), Angelika Kirschlager e a Orquestra de Câmara da Basileia (Sony BMG), Maurice Steger e English Concert (Harmonia Mundi), e Ruby Hughes e a Orchestra of the Age of Enlightenment (Chandos), bem como um ciclo de óperas e concertos gravados no Festival Internacional Händel em Göttingen (Accent). Gravou ainda numerosos discos em recital de cravo solo e música de câmara para a Naxos.

Foi bolseiro de órgão no Christ Church em Oxford, onde se graduou com distinção.

Até 2012, foi director dos estudos de Performance Histórica na Royal Academy of Music, criando no curriculum a prática em orquestras barrocas e clássicas. É agora *William Crotch Professor* de Performance Histórica.

Sara Braga Simões Soprano

Sara Braga Simões venceu vários prémios nacionais e internacionais. Apresenta-se regularmente nos principais teatros, salas de concerto e festivais de música portugueses e ainda em Espanha, França, Inglaterra, Eslovénia, Andorra e Moçambique.

Em ópera, interpretou dezenas de papéis principais dos quais se destacam Pamina (*A Flauta Mágica*), Gretel (*Hänsel und Gretel*, Humperdinck), Susanna (*Le Nozze di Figaro*), Rosina (*O Barbeiro de Sevilha*), Adina (*O Elixir do Amor*), The Governess (*The Turn of the Screw*, Britten), Mabel (*The Pirates of Penzance* de Sullivan), Rita (Donizetti), Zerlina (*Don Giovanni*), Despina (*Così fan Tutte*), entre muitos outros. Foi dirigida por encenadores reconhecidos dos quais se destacam Ricardo Pais, Luís Miguel Cintra e João Botelho. O seu repertório concertístico abarca obras de compositores como Händel, Vivaldi, Ravel, Berio, George Crumb e George Benjamin, incluindo as obras *Messiah* de Händel e *Exsultate Jubilate* de Mozart (ambas para a Metropolitana), *Ein Deutsches Requiem* de Brahms e *Gloria* de Poulenc (ambos para o Teatro Nacional de São Carlos) e *Des Knaben Wunderhorn* de Mahler (para a Casa da Música), entre outras. É frequentemente a soprano escolhida para estrear obras de compositores consagrados como Nuno Côrte-Real, Pedro Amaral, Luís Tinoco, Carlos Azevedo e Aubert Lemeland, entre muitos outros.

Apresentou-se com a Orquestra Sinfónica Portuguesa, a Sinfónica do Porto Casa da Música, a London Sinfonietta, a Orquestra Metropolitana, o Remix Ensemble, os Músicos do Tejo, o Ensemble Darcos, a Orquestra do Norte, a Orquestra de Câmara Portuguesa, a Orquestra Clássica do Sul, a Orquestra de Câmara da Universidade de Vigo, a Orquestra Filarmonia das Beiras e a Orquestra Barroca de Mateus, entre outros agrupamentos.

Foi dirigida por maestros como: Laurence Cummings, Lawrence Renes, Martin André, Antonio Pirolli, Stefan Asbury, Peter Rundel, Johannes Willig, Rui Pinheiro, Marcos Magalhães, Pedro Neves, Ferreira Lobo, Cesário Costa, João Paulo Santos, Joana Carneiro, António Saiote, Marc Tardue, Brad Cohen, Pierre-André Valade e Osvaldo Ferreira, entre outros.

Licenciada em Canto e em Comunicação Social, está actualmente a investigar, no âmbito do seu doutoramento, a obra dramática de António Leal Moreira – um dos mais representativos compositores do século XVIII em Portugal e primeiro director musical do Teatro Nacional de São Carlos.

32^a 16 OUT /
14 NOV
2020
TEMPORADA

MÚSICA
EM
SÃO
ROQUE

Mónica Monteiro

Soprano

Mónica Monteiro iniciou os estudos em violino na sua cidade natal, Figueira da Foz. Diplomada pela Escola Superior de Música de Lisboa, formou-se em Formação Musical (2005) e em Canto (2010). Detentora de um timbre quente e brilhante, imprime leveza e intensidade às suas interpretações.

Interpreta repertório desde o Renascimento até à música dos dias de hoje, mas é em música do Barroco italiano e alemão que a sua voz mais se distingue. Cantou obras importantes tais como a *Paixão segundo São João* e a *Paixão segundo São Mateus* de Bach, *Jepthe* de Carissimi, as *Vésperas* de Monteverdi, entre outras, sob a batuta de maestros de renome como Laurence Cummings, Richard Egarr, Reinbert de Leeuw e Peter Dijkstra. Tem-se apresentado em várias salas de concerto de prestígio internacional, tendo sido solista em salas como o Concertgebouw de Amesterdão e o Teatro Colón de Buenos Aires.

Com uma vasta experiência coral e em ensemble, Mónica Monteiro é membro principal do Nederlands Kamerkoor e membro fundador do ensemble The Windsor Consort. Vive na Holanda e colabora regularmente com outros ensembles europeus de renome tais como Nederlands Bach Vereniging, Amsterdam Baroque Choir, Currende e Ludovice Ensemble.

Fernando Guimarães

Tenor

Licenciado em Canto pela Escola das Artes da UCP-Porto na classe de António Salgado, o tenor português Fernando Guimarães foi galardoado com o Prémio Jovens Músicos da RDP e com o 2.º Prémio no Concurso Nacional de Canto Luísa Todí. Como vencedor do Concurso Internacional de Canto “L’Orfeo” em Verona, cantou o papel principal desta ópera de Monteverdi em Mântua (no 400º aniversário da sua estreia), Berlim e Budapeste, tendo sido também premiado no conceituado Concurso Internacional “Pietro Antonio Cesti” de ópera barroca, em Innsbruck.

Trabalhou extensivamente com grupos de referência como L’Arpeggiata (Christina Pluhar), Les Talens Lyriques (Christophe Rousset), Capriccio Stravagante (Skip Sempe) Concerto Köln, Pygmalion (Raphäel Pichon), Les Muffatti (Peter Van Heyghen), Al Ayre Español (Eduardo López-Banzo), Orquesta Barroca de Sevilla (Enrico Onofri), Cappella Mediterranea e Clematis (Leonardo García Alarcón) etc., apresentando-se regularmente como solista nas melhores salas e festivais europeus. A sua discografia conta já com cerca de uma vintena de gravações para as mais diversas editoras.

Orquestra Barroca Casa da Música

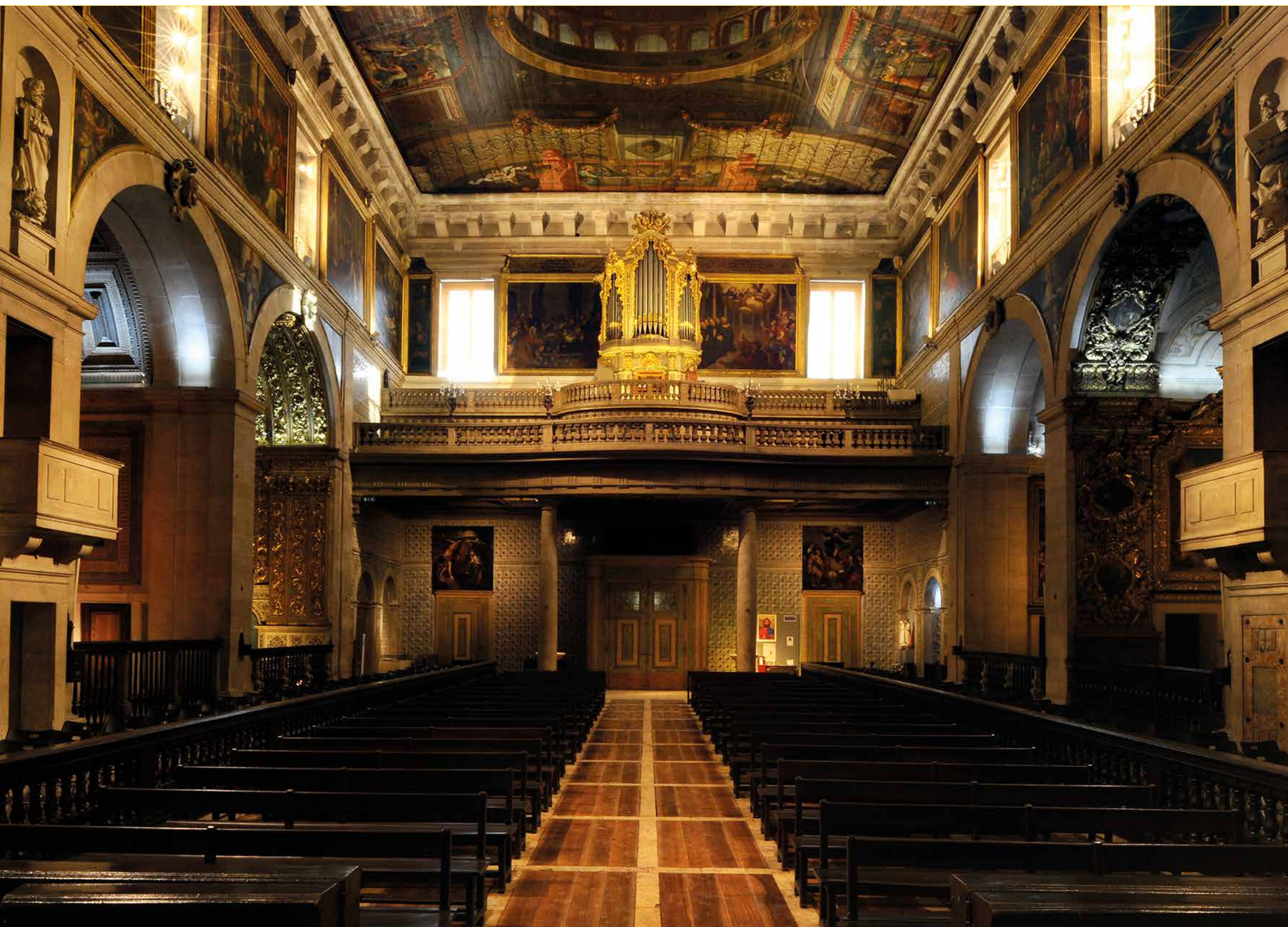
Stabat Mater de Bocherinni

Entre os seus êxitos contam-se o papel titular de *La Descente d’Orphée aux Enfers* de Marc-Antoine Charpentier, com Les Arts Florissants (Ópera de Versalhes e Cité de la Musique); a estreia na Philharmonie de Berlim com a Freiburger Barockorchester e no Queen Elizabeth Hall de Londres, com a Orchestra of the Age of Enlightenment; o papel principal de Teseo na ópera *Elena de Cavalli* (Festival d’Aix-en-Provence); Fenton em *Falstaff* de Verdi, sob a direcção de Lawrence Foster (Fundação Gulbenkian); e o seu regresso ao papel titular de *L’Orfeo* de Monteverdi, numa nova produção de Robert Carsen dirigida por Ottavio Dantone (Ópera de Lausanne).

A sua recente colaboração com a Australian Brandenburg Orchestra em Sidney e Melbourne (com um programa dedicado a Händel) foi unanimemente aclamada por público e crítica, tal como a interpretação do papel titular de *Il Ritorno d’Ulisse in Patria* de Monteverdi com a orquestra Boston Baroque, sendo que esta última lhe valeu duas nomeações para Grammy, incluindo para Melhor Gravação de Ópera em 2015. Entre os seus mais recentes projectos incluem-se a estreia com a Nederlandse Bachvereniging, numa digressão com a Paixão segundo São Mateus de J. S. Bach; o papel de Tamese em *Arsilda* de Vivaldi com Collegium 1704 e Vaclav Lúks (Bratislava, Viena, Luxemburgo, Caen e Lille); uma nova produção de *L’Orfeo* de Monteverdi, no Teatro Regio de Turim; e o seu regresso ao papel titular em *Il ritorno d’Ulisse in patria* de Monteverdi em Sidney, com a Pinchgut Opera.

32^a 16 OUT /
14 NOV
2020
TEMPORADA

MÚSICA
EM
SÃO
ROQUE



Igreja de São Roque

Edificada pela Companhia de Jesus, num local que anteriormente era dedicado ao culto a São Roque, a igreja representa um dos mais belos exemplares da arquitetura maneirista nacional. Resistiu praticamente intacta ao terramoto de 1755, tendo sido incorporada na Santa Casa da Misericórdia de Lisboa em 1768, por doação régia de D. José I. É um dos edifícios mais emblemáticos do século XVI que remanescem na capital.

Evidencia-se, neste edifício, a qualidade do seu património artístico, constituído por azulejaria, mármore policromos, ourivesaria, talha dourada, pintura, escultura e relicários, património este que tem sido valorizado por sucessivas campanhas de conservação e restauro. Destaque ainda para o teto, o único exemplar lisboeta que resta dos grandes tetos pintados no período maneirista, da autoria do pintor régio Francisco Venegas, mestre de origem espanhola.



Filipe Carvalho

Diretor artístico

Temporada Música em São Roque

Filipe Carvalho é formado em Composição pela Escola Superior de Música de Lisboa e em Direção pela Universidade de Cincinnati (Estados Unidos). Desenvolveu ainda estudos de aperfeiçoamento em Composição com Emmanuel Nunes (França) e Karlheinz Stockhausen (Alemanha) e de Direção de Orquestra com Donato Renzetti (Itália) e Jorma Panula (Finlândia). Como maestro tem-se apresentado sobretudo na Dinamarca, Suécia, Áustria, Inglaterra, Polónia e Alemanha.

É atualmente maestro titular da Kammerorkestret Musica e do Kammerkoret Musica (Copenhaga).

Como maestro convidado ou assistente tem ainda colaborado com diversas orquestras e coros no norte da Europa, destacando-se a sua colaboração com o Teatro Real (Ópera de Copenhaga) e a Opera Hedeland (Hillerød).

Em concursos internacionais conquistou por duas vezes o Conductors Prize, na Polónia em 2013 e em Espanha em 2015.

Em 2015 gravou o CD "Kvindestemmer" e dirigiu no Castelo de Kronborg, Helsingør, o concerto de gala para o lançamento da organização de cooperação internacional "Transition", transmitido em direto para a Dinamarca, Suécia, Hungria, Japão e Índia.

A convite da Rainha Margrethe II da Dinamarca dirigiu o concerto comemorativo dos 100 anos de direito de voto feminino naquele país. Desde 1989, o Maestro e compositor Filipe Carvalho é o diretor artístico da Temporada Música em São Roque, organizada pela Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.



CULTURA

SANTA
CASA
Misericórdia de Lisboa